



Uma hipótese sobre a elaboração traumática transgeracional: *Rapsódia de agosto*

Roaldo Naumann Machado, Porto Alegre*

O autor, baseado em alguns conceitos de Freud sobre masoquismo erógeno originário, espacialidade psíquica e projeção, dor e trauma, compulsão à repetição, comunicação psíquica inconsciente e acrescentando outros conceitos de autores como Lacan, Winnicott, Aulagnier e Green, analisa o filme de Akira Kurosawa, Rapsódia de Agosto. Propõe, baseado nestes conceitos, a hipótese de uma elaboração traumática transgeracional, resgatando o conceito freudiano de uma NACHTRÄGLICHKEIT (a posteriori) através das gerações.

* Membro Efetivo da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre.

Revista de Psicanálise, Vol. X, Nº 1, abril 2003 □ 71





Introdução

O presente trabalho baseia-se numa mesa redonda promovida pelo Centro de Estudos Luis Guedes na jornada de psiquiatria dinâmica no ano de 2002. Procurarei ampliar e aprofundar algumas reflexões apresentadas naquela ocasião.

Revendo o importante trabalho de Freud, “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926d, p.144), deparei-me com uma citação¹ em que o autor reflete sobre uma questão permanente para a ciência, a busca de uma “causa última” como determinante da doença. Transcrevo aqui a citação de Freud: *“É muito de se lamentar que sempre permaneça insatisfeita a necessidade de achar uma ‘causa última’ unitária e apreensível da condição neurótica. O caso ideal, que provavelmente os médicos seguem desejando, todavia hoje, seria o bacilo, que pode ser isolado e dele obter-se um cultivo puro e cuja inoculação em qualquer individuo produziria uma idêntica afecção. Algo menos fantástico: a presença de substâncias químicas cuja administração produzisse ou cancelasse determinadas neuroses. Porém não parece provável que possam se obter tais soluções do problema. A psicanálise conduz a expedientes menos simples, pouco satisfatórios...”*

Não é para menos que a própria psicanálise esqueça, de tanto em tanto, esta advertência de seu descobridor e se iluda com o suposto da apreensão de uma “causa última”. A reflexão freudiana sobre o “trauma psíquico” aponta-nos para esta direção. Todos sabemos que a teoria traumática foi também laboriosamente perseguida por Freud. Basta lermos com atenção seus “Estudos sobre a histeria” (1895d) para nos depararmos com a incessante busca da “causa última”. A complexidade da mente humana frustrou-o em inúmeras situações. Os constantes avanços da teoria psicanalítica como, por exemplo, a constatação da universalidade do complexo de Édipo, a teoria das organizações baseada nas fases libidinais, a teoria do narcisismo, a compreensão da incomensurabilidade do inconsciente revelada pelas teorias da organização do aparelho psíquico, o papel da ontogenia bem como da filogenia na formação da mente humana, a transmissão psíquica entre indivíduos, grupos e gerações são apenas algumas das tantas situações que fizeram Freud recuar das suas pretensões em busca da “causa última”. Assim este trabalho tenta abordar um novo prolongamento, outra extensão na tentativa de compreensão deste *continuum* que é o fenômeno humano: a transmissão e elaboração de traumas através dos grupos e gerações, sem jamais perdermos de vista que novas províncias do conhecimento *“(...) tal como*

1. As referências ao texto freudiano correspondem à edição argentina das *Obras Completas de Sigmund Freud* da Amorrortu e a tradução para o português é de minha responsabilidade. (N. do A.)





acontece a quem navega ao longo da costa sem encontrar tempo para sua viagem, porque, por trás de cada promontório de duna argilosa que ele conquista, pontas de terra inesperadas e novas distâncias continuam a negaceá-lo” (Thomas Mann).

Algumas reflexões

Para a compreensão do que proponho, alguns conceitos se fazem necessários. Apresento-os de uma forma um tanto quanto desordenada, para, ao longo do trabalho tentar integrá-los dentro do tema proposto.

O primeiro refere-se a vários textos freudianos e encontra-se sintetizado no capítulo XI do trabalho “Inibição, Sintoma e Angústia” (1926d). Freud pergunta-se o que determina que uma dor, psíquica ou somática, encontre uma situação de impossibilidade de elaboração através do que denomina de mobilidade do ego. O autor assim se expressa: “*Seja que o ego vivencie uma dor que não cessa, noutra uma estase de necessidade que não pode achar satisfação, a situação econômica é, em ambos, a mesma, e o desamparo motor encontra sua expressão no desamparo psíquico*”.

Neste mesmo texto (1926d, p.125-6), Freud, tratando da questão dos afetos, propõe uma diferença entre aqueles que causam o desprazer: a angústia, a dor e o luto. Se levarmos em consideração a diferenciação já estabelecida neste mesmo trabalho entre angústia traumática e angústia sinal, o referido afeto é, de acordo com Freud, composto de três fragmentos assim enumerados: 1) um caráter desprazível específico, 2) ações de descarga e 3) percepções destas situações descritas. Pondera, então, que, tanto na dor como no luto, os pontos assinalados nos itens 2 e 3 se acham ausentes, ou, no máximo, se apresentam como conseqüências ou reações frente ao desprazer descrito no item 1. O interessante, para termos uma idéia de como Freud elaborava seus conceitos através dos anos, é lermos com atenção as seções 9,10,11 e 12 do seu “Projeto de Psicologia” escrito e arquivado em 1895 (1950a). Nestas escreve sobre o caráter acumulativo das tensões e da necessidade de descarga das mesmas, que encontra a via muscular e glandular como forma de alívio. Também refere que, de uma forma semelhante à dor, grandes quantidades de energia invadem o sistema, causando desprazer em w, isto é, no sistema da consciência. Ao mesmo tempo em que esta situação se processa, ocorre “*(...) uma inclinação para a descarga, que pode ser modificada segundo certas direções*” e, finalmente, “*(...) uma facilitação entre esta descarga e uma imagem-recordação do objeto excitante da dor*”.

Freud, portanto, através destas considerações e em muitos momentos do referido trabalho (1926d), como em outros textos, propõe-nos diferenciações entre conceitos nem sempre fáceis de serem feitas, levando-se em conta as complexidades





metapsicológicas. Assim são tratados os conceitos de angústia, dor e luto. A angústia, que se acompanha de uma descarga, de uma percepção e, conseqüentemente, de uma possibilidade de representação da mesma – observamos uma tendência projetiva, que tem na própria descarga um esboço rudimentar deste mecanismo – pode ser descrita desta maneira: um excesso de estímulo de origem somática é projetado do interior para a superfície corporal, encontrando nas vias motora e humoral os canais necessários para a descarga e o conseqüente alívio das tensões. Tanto os movimentos de descarga como as sensações de alívio associam-se por simultaneidade ao caráter de desprazer interno sentido, criando o registro mnêmico da angústia (Freud 1900a, 1950a). Está claro que estamos descrevendo os registros completos do desprazer e seu respectivo alívio. Trata-se, portanto, de uma tentativa rudimentar de expulsão do excesso de tensão endógena desprazível com um rudimento de restauração do equilíbrio psicossomático, como a pouco foi dito. No trabalho intitulado “A negação” (1925h), Freud, divagando sobre a questão dos juízos, denomina tal ato de *Ausstossung* (expulsão), já com representabilidade psíquica, isto é, procurando tornar o desprazer propriedade do não-Eu. Este movimento tem evidente parentesco, do meu ponto de vista, com o desinvestimento libidinal de uma percepção desagradável, também descrito por Freud, relacionado com defesas mais primitivas usadas pelo Eu diante de determinadas circunstâncias tais como a *Verwerfung* (desestimação ou forclusão) e a *Verleugnung* (recusa ou desmentida). Nestas situações descritas, o Eu procura restabelecer o princípio do prazer fazendo uso da projeção.

Um aspecto interessante a ser ressaltado aqui é a diferenciação entre os três afetos descritos. A angústia preenche os três pontos descritos tanto no trabalho de 1926 (1926d) como no “Projeto” (1950a). Nas descrições da dor e do luto, Freud descreve que a descarga, bem como a percepção desta última, está ausente. Se relacionarmos que tal registro somente aparece, no dizer de Freud, como conseqüência ou reação frente ao desprazer (1926d), pode ser perfeitamente lógico supormos que a impossibilidade de que tais reações se desenvolvam se deva à incapacidade de registro do objeto causador do desprazer, item este assinalado em terceiro lugar no “Projeto”. Assim esta facilitação ausente entre a descarga e o objeto excitante da dor impede o registro de tal objeto, dificultando decisivamente a expulsão do mesmo como não-Eu e, portanto, os processos projetivos que daí decorrem. Voltaremos um pouco mais adiante a este tópico, pois encontramos uma via de reflexão sobre a impossibilidade de elaboração de certas dores e lutos.

Portanto, para Freud, a angústia é uma tentativa de pôr em funcionamento nosso aparelho psíquico em direção ao princípio do prazer ou da realidade. Mesmo na situação descrita como angústia traumática, na qual o objetivo prevalente é apenas a descarga, nota-se um rudimento de direção neste sentido. Portanto a transformação





de uma libido narcisista, ou ligada em libido livre, ou desligada, tem a importantíssima função tão necessária para a conservação da vida que é a do investimento objetal. Claro está que, quando prevalece o modelo traumático, o registro é o da descarga, e pouca ou nenhuma conservação da vida se faz. Porém, quando a libido investe o objeto necessário para que a ação específica se faça presente, registra-se o estado de desejo em que a representação objetal se encontra incluída (Freud, 1950a, seção 13). É o que Freud, neste mesmo “Projeto”, denomina de vivência de satisfação, tão necessária para o estabelecimento das primeiras alucinações. Sem estes passos tão iniciais, a transformação da angústia traumática em angústia sinal não se processará, e este alerta para o Eu que se sente impelido em busca do objeto de satisfação para a resolução da ação específica e a conseqüente vivência de satisfação não se processará, acarretando sérios perigos para a conservação da vida. Pensamos, portanto, de acordo com Freud, que a angústia é uma condição *sine qua non* para que a defesa, seja esta última qual for, possa ser acionada. Eros exige o ruído da angústia para sua manifestação, ou melhor, o próprio ruído da angústia é uma evidência da presença de Eros, principalmente quando o Eu consegue a transformação da angústia traumática em angústia sinal. Recapitulando o que há pouco Freud propôs sobre a ausência de descarga e, portanto, do registro da mesma nos processos de dor e luto, pensemos sobre a seguinte citação de Freud escrita na seção C, “Angústia, Dor e Luto” (1926d, capítulo XI): *“O intenso investimento de anseio do objeto ausente (perdido), em contínuo crescimento devido ao seu caráter de não inibível, cria as mesmas condições econômicas da dor do lugar lastimado do corpo... A passagem da dor corporal à dor anímica corresponde à mudança do investimento narcisista ao investimento de objeto. A representação do objeto que recebe a necessidade de um elevado investimento narcisista desempenha o papel do lugar do corpo investido pelo incremento do estímulo. A continuidade do processo de investimento e seu caráter não inibível produzem idênticos estados de desamparo psíquico”*. Poderíamos acrescentar que este objeto investido por tal anseio não muda de sinal, como Freud propõe em “Luto e Melancolia” (1917e), não se transformando no objeto excitante da dor, tornando-se, portanto, desnecessária sua expulsão do Eu para o não-Eu. Tais processos são silenciosos, destituídos do ruído da angústia, esta última tão fundamental para a preservação da vida. Assim este estado de investimento tão aumentado cria as condições econômicas do esvaziamento, de uma hemorragia de libido que não cessa, como Freud propõe no “Manuscrito M” (1950a), e é a condição básica do masoquismo, como veremos a seguir.

Tomemos, agora, o conceito de masoquismo erógeno originário. Tentaremos relacioná-lo com a angústia, a dor e o luto. Freud elaborou-o de uma forma progressiva, dando-lhe a configuração que dele temos somente após o desenvolvimento de





sua última teoria pulsional. Esta última foi uma das principais propostas de seu trabalho “Além do Princípio do Prazer” (1920g). Neste texto Freud nos sugere a existência de uma forma de masoquismo primário que precederia o sadismo. A forma mais acabada do conceito é encontrada em “O Problema Econômico do Masoquismo” (1924c). Por que problema econômico? Exatamente porque Freud discute o destino das energias pulsionais dentro do Eu. Assim nos sugere a existência de uma forma primordial de enlace e de neutralização daquilo que já denominara, no trabalho anteriormente citado (1920g), de pulsão de morte. A libido livre provinda do desequilíbrio homeostático ocorrido com o nascimento, por exemplo, liga-se a qualquer tipo de estímulo, mesmo o da dor e do desprazer, tese esta já exposta nos “Três Ensaio para uma Teoria da Sexualidade” (1905d). Esta situação descrita é denominada por Freud de masoquismo erógeno originário, ou sadomasoquismo primordial, e é o testemunho de uma forma originária de enlace pulsional, isto é, a primeira neutralização da pulsão de morte feita pela libido.

Ora, qual é o destino desta mistura libidinal primitiva? Um deles é a transformação no afeto da angústia, principalmente quando novos trabalhos de enlaces são necessários ao Eu para a preservação da vida. Isto que advém do desequilíbrio interno se projeta sobre a superfície corporal com dois fins: o registro do próprio afeto e, em segundo lugar, do encontro com o objeto com fins de torná-lo representável. Assim, devido a esta projeção primordial, teremos dois registros: o da descarga do afeto e o da percepção do objeto. Num texto que são mais anotações dispersas de Freud no declinar de sua vida, denominado de “Conclusões, Idéias e Problemas” (1941f), nos é sugerido que “(...) a espacialidade psíquica é projetada e a partir da mesma se cria o espaço exterior”. Refletindo sobre o que foi proposto, encontramos na projeção a condição *sine qua non* da formação do nosso aparelho psíquico representacional. A musculatura, através da agressividade, é o sistema que operacionaliza esta projeção. Como dissemos, a expulsão (*Ausstossung*) desta mescla libidinal primordial encontra dois registros, o do afeto e o do objeto. Desta forma o irrepresentável, usando-se a linguagem de Botella, encontra as condições de representabilidade. Libido e agressividade configuram, através da projeção, a condição de representação, marca fundamental constituinte do espaço psíquico e do mundo objetual. A erogeneidade sensorial cede espaço à representação através desta sempre contínua transformação de libido narcisista em libido objetual e desta, novamente, em libido narcisista, agora já transcrita numa nova ordem lógica mais complexa. Resumidamente é o que nos propõe Piera Aulagnier (1997), quando nos fala que uma das funções mais vitais de Eros, sem a qual a vida se torna impossível, é a atividade contínua do representar. Como, do ponto de vista de Freud, na dor e no luto se encontra ausente o registro da descarga projetiva, a não ser como conseqüência ou reação, perguntamo-nos se não estaria





neste fato exatamente uma das condições fundamentais da impossibilidade de elaboração de certas dores e lutos.

Passemos, entretanto, nesta trama a outro tópico. O que é a dor? Freud refere-se a ela no “Projeto de Psicologia” (1950a) como “(...) *um raio que atravessa o sistema* y (o sistema das representações) *deixando no mesmo facilidades permanentes.*” O sistema perderia assim sua capacidade de armazenamento e se tornaria permeável como o sistema de condução f, incapaz de reter as representações da memória. É o que, na expressão de David Maldivsky (1986), corresponde ao “*registro da desconstituição dos registros*”.

Se até agora consideramos principalmente a via progressiva onde o impulso proveniente de uma excitação endógena encontra o contexto para significá-lo, abrindo assim o espaço psíquico, passemos agora a considerar a via regressiva da desconstituição do psíquico, do retorno ao irrepresentável, ou, como querem alguns autores (André Green, 1993), a transformação no negativo. O trauma, de acordo com Freud, tem um parentesco muito próximo com esta dor desconstituente dos registros e, devido a condições econômicas análogas, propicia a ruptura dos registros e um retorno a esta mescla pulsional primitiva que Freud descreve como masoquismo erógeno originário, isto é, o irrepresentável. A dor ainda, segundo Freud, especialmente se continua, favorece esta estase libidinal tóxica, cuja principal característica é a impossibilidade de projeção a partir do Eu fragmentado. Eis as condições do desamparo descritas por Freud, em que o psíquico se degrada no físico, aprofundando o abismo do irrepresentável. Winnicott (1963) fala-nos do colapso (*breakdown*) e Lacan (1949) do corpo dividido (*corps morcelé*). Assim, para estes autores, como complemento às teses freudianas, o contexto oferece-se como uma *gestalt*, sobre a qual os mecanismos projetivos encontram a complementação necessária. É sobre este ideal identificatório antecipado numa forma, os olhos da mãe para Winnicott (1967) e a imagem corporal para Lacan (1949), que o eu se estrutura e se projeta. Assim a dor e o trauma criam, pela estase libidinal proposta por Freud, as condições da impossibilidade deste encontro, isto é, da estruturação do psíquico.

Observamos através deste breve relato o que chamamos de via progressiva da constituição dos registros psíquicos e de via regressiva de desconstituição destes mesmos registros. Fizemos uma hipótese, de acordo com Freud, de que a dor e o trauma ficam impedidos de elaboração psíquica pela impossibilidade de projeção desta mistura libidinal primitiva chamada por Freud de masoquismo erógeno originário. Esta situação decretaria o que também Freud denomina de estase tóxica. Restam ainda algumas considerações que poderemos fazer sobre o que Freud denomina de compulsão à repetição. Tal conceito foi formulado de uma forma mais ou menos acabada em “Além do Princípio do Prazer” (1920g). No capítulo II, nos diz que se





trata de uma tentativa frustrada e rudimentar de ligar o trauma. A libido investe a dor, porém, desafortunadamente, o Eu não consegue projetá-la. Deste fato decorrem duas complicações: a impossibilidade de criação do espaço psíquico, resultado do encontro entre a mescla pulsional primitiva com o objeto oferecido como uma *gestalt* acolhedora, portanto a ausência deste registro, bem como do próprio registro da angústia, e, em segundo lugar, a degradação regressiva da representação no abismo do irrepresentável, que tem no masoquismo as suas manifestações mais rudimentares. Lembremos que, para Freud (1920g, 1923b), o alarido, o ruído da vida é manifestação de Eros. Thanatos, a pulsão de morte, é silenciosa. Em muitas situações de grave masoquismo, nos defrontamos com este silêncio tão grave que aparece em algumas doenças psicossomáticas e noutras patologias semelhantes nas quais o corpo é um arremedo de significante.

Assim, a compulsão à repetição do trauma é uma débil tentativa de neutralização do referido trauma, de criação do espaço psíquico, de transformação do silêncio da pulsão de morte na angústia ensurdecidora, primeiro sinal da manifestação de Eros. Freud (1920g, capítulo IV) nos diz o seguinte: “*Estes sonhos (traumáticos) esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo desenvolvendo a angústia, cuja omissão constitui a causa da neurose traumática*”. Surpreendemo-nos com o fato de que uma neurose traumática grave gera, num indivíduo, uma verdadeira impossibilidade de administração, de criação do espaço psíquico no qual a elaboração conduz ao seu produto final que é a palavra. Outro fato, porém, nos chama ainda mais a atenção: é de que a elaboração necessita muitas vezes de várias gerações para que possa ser processada. O aparelho psíquico deixa de ser individual e passa a ser grupal. O tempo e o espaço já não são patrimônios do indivíduo e sim do grupo no qual alguns indivíduos, que, nas gerações seguintes, têm a incumbência de refazer o mito e contar as histórias, adquirem a capacidade de reintegrar na ordem humana do significante aquilo que fora outrora irrepresentável.

Novamente é Freud que, em algumas obras, dentre as quais cito “Totem e Tabu” (1913-14), “Psicologia das Massas” e “Análise do Ego” (1921c) e “O Ego e o Id” (1923b), nos fornece os caminhos iniciais para o que chamamos contemporaneamente de herança e transmissão transgeracional, conceituando a comunicação de inconsciente para inconsciente, a transmissão do superego através das gerações, comunicações por contágios grupais, a teoria dos lugares psíquicos, das identificações, etc. David Maldavsky (1996), no seu livro *Linhagens abúlicas*, sugere-nos outras formas de transmissão psíquicas, além das genéticas. Partindo do biológico, a imunidade seria uma delas. Os afetos, como matrizes pré-individuais, pertenceriam ao patrimônio herdado como nos sugere Freud (1926d). Seriam também transmitidos, de geração para geração, padrões defensivos, como a repressão, a forclusão, a desmen-





tida e outras defesas que organizariam os padrões individuais e grupais de uma determinada comunidade. Refere-se ainda a traumas tornados pesadelos pela geração seguinte e a uma forma particular de afeto, se é que nesta situação podemos falar em afeto, silencioso, abúlico que é testemunho da estase pulsional, isto é, do masoquismo como expressão fenomenológica da impossibilidade subjetiva de criar o espaço psíquico através das inúmeras e diferentes representações do corpo, de coisa e de palavra, todas patrimônio da nossa herança cultural.

O presente trabalho é uma tentativa de pensar sobre a memória transgeracional e sua transmissão. Se olharmos com um pouco de atenção as memórias descritas acima, notamos que as mesmas se interpenetram e que são interdependentes. O que, porém, nos interessa é o fato de que as defesas não pertencem apenas ao indivíduo, mas sim fazem parte do grupo, sendo transmitidas de geração para geração. A mesma situação descrita ocorre com o masoquismo erógeno originário, esta estase libidinal silenciosa e abúlica carente de representação psíquica, que encontra sua via de transmissão na escuridão do inconsciente.

Rapsódia de Agosto

Passemos, depois destes conceitos preliminares rapidamente revisados, ao nosso fato clínico, o filme de Akira Kurosawa, *Rapsódia de Agosto*. Sempre que, sobre uma obra de arte, incide o nosso olhar psicanalítico, devemos lembrar ao leitor o reducionismo que tal ação decreta e dele nos escusar. É o caso desse filme, trata-se de uma verdadeira obra prima que se presta às mais amplas divagações, inclusive à psicanalítica.

Estamos no ano de 1990, na cidade japonesa de Nagasaki. Quatro adolescentes, a terceira geração, passam suas férias de verão com a avó, a primeira geração. O avô falecera há 45 anos, por ocasião da bomba atômica sobre Nagasaki. A segunda geração, os pais dos adolescentes, está em Honolulu, no Havaí, visitando um tio irmão da avó emigrado em 1920, que enriquecera com o plantio de abacaxis. Este tio distante encontra-se doente, e esta é uma das razões da visita. A outra, talvez a mais real, é a ambição da segunda geração, que deseja de alguma forma participar das riquezas do parente distante.

Os quatros adolescentes estão reunidos na sala de estar com a avó. Tentam tocar algumas velhas canções no velho órgão que pertencera ao avô (lembramo-nos aqui do referido acima sobre os que têm a incumbência de contar as histórias e refazer os mitos). O velho órgão encontra-se estragado e necessita de reparos. Novamente não podemos deixar de pensar que, por alguma razão, talvez a referida estase pulsional tóxica, o órgão-aparelho psíquico, necessita de reparos para refazer os fatos e





dar continuidade à vida significando a história. Se isto não ocorrer, o velho órgão-aparelho psíquico permanecerá silencioso, incapaz de promover o irrepresentável à ordem significativa humana. A memória da avó, como o antigo órgão, está perturbada. Não lembra do irmão que emigrara há 70 anos. Na sala de estar, acompanhada pelos adolescentes, começam a surgir as lembranças de sua história: a família, os pais, os irmãos e, finalmente, a catástrofe. O trabalho é uma verdadeira reconstrução psicanalítica.

Como com qualquer processo de reconstrução, a angústia mostra-se ruidosamente. Já vimos de que modo tais afetos, aparentemente livres de significado, são expressões de Eros que reclamam o sentido perdido. Pressionadas por tal angústia em busca de significado, as visitas ao local do holocausto se sucedem. Deparam-se, então, os adolescentes com restos de construções e esculturas de corpos estraçalhados. A própria história dos meninos representantes da terceira geração, isto é, daqueles a quem cabe o dever da reconstrução, encontra-se partida. A homenagem internacional aos mortos é testemunhada pelos inúmeros monumentos que reverenciam a dor, inclusive os do Brasil. É o corpo dividido de Lacan como testemunho do registro da desconstituição dos registros.

Novos encontros com a avó prosseguem o trabalho de reconstrução e elaboração. A velha senhora quer reconstruir a árvore genealógica da família. Nomeia seus irmãos com o intuito de encontrar onde se situa o irmão que migrara. A situação traumática retorna novamente através de um deles que, ainda moço, desafiara o pai, amancebando-se com uma mulher casada. Ambos, contrariando as ordens paternas, foram morar numa casa isolada numa montanha próxima. Perseguidos pela culpa, o casal se suicidara, portanto, uma nova catástrofe. Os adolescentes, como já haviam feito com o local onde a bomba caíra, visitam o lugar do novo sinistro. Tudo passa a ser fantasmagórico. É o retorno do familiar (*Heimlich*), isto é, do íntimo, através do sinistro – *Unheimlich* – (Freud, 1919h) como tentativa de elaboração do trauma. A velha avó recorda-se, então, do irmão mais moço que, após o holocausto, se transformara. Ficara estranho, encerrado num quarto a desenhar repetidamente olhos. Estes passam agora a pertencer ao imaginário dos meninos. São reproduzidos pelos mesmos, que passam a divisá-los nos rostos de alguns animais. O espectro é ameaçador, assusta o grupo, que intui o sentido de uma próxima revelação. Uma cena estranha atravessa estes fatos. A avó recebe visitas de amigas que sofreram o mesmo horror da bomba. Ficam, para surpresa dos adolescentes, horas diante umas das outras, agachadas, balançando-se ritmicamente em completo silêncio. Existem silêncios que dizem mais do que a palavra, sentença a avó. Contudo os adolescentes necessitam de palavras no lugar do silêncio. Se refletirmos sobre esta última cena descrita, podemos pensá-la no sentido de nos defrontarmos com o fato de que, inevitavelmente, o con-





serto do velho órgão passa pelo afeto e pela palavra. Aquilo que se expressa num mutismo, no negativo, é o resultado da função desobjetalizante da pulsão de morte, como propõe André Green.

Eis, porém, que a segunda geração retorna das férias. Sobreadaptada, pensa nos ganhos que podem resultar da viagem feita. A ambição dos pais dos adolescentes é enriquecer e vivem com irritação as inquietudes dos filhos e da velha avó. Logo depois do retorno dos mesmos, chega um dos filhos do velho tio que migrara para o Havai há 70 anos. Clark também deseja conhecer os fatos do holocausto e está em busca de suas origens. Para o constrangimento da segunda geração, quer visitar o local da bomba, falar com a velha tia para saber do acontecido, reconstruir o antigo órgão-memória familiar, porém o imprevisto ocorre e Clark é chamado às pressas para casa, seu pai falecera.

É muito interessante refletirmos sobre este fato atual e o que, do nosso ponto de vista, ele desencadeia. Todas as condições estão criadas para que o afeto desencadeado não seja a angústia sinal necessária que levaria a uma reflexão. Este fato torna atual, na velha avó, a angústia traumática vivida por ocasião da bomba. A noite é chuvosa, cheia de relâmpagos. Por trás da montanha, a avó depara-se com o olho confundido com as nuvens e estas, por sua vez, com o cogumelo atômico. O forcluido retorna como o pictograma originário de Piera Aulagnier. Desta alucinação terrorífica não há o que se possa fazer senão fugir em desabalada carreira. O olho que subtrai, apóstolo da morte, introduz o corpo despedaçado no interior do grupo. Todos correm, alguns para fugir de uma suposta alucinação coletiva, outros para proteger os que fogem. A cena torna atual o provável trauma por ocasião da bomba. Quantas gerações ainda serão necessárias para a elaboração da catástrofe? Quantas psicoses forcluidas serão necessárias, até que as velhas cantigas, lendas e mitos, isto é, a ordem simbólica, recuperem seu devido lugar?

Talvez uma das suposições mais instigantes desta reflexão seja o destino da pulsão (Freud, 1915c), quando não transformada em representação de afeto ou representação de objeto. Esta estase pulsional irrepresentável teria o poder silencioso de uma metástase cancerígena? Não podemos esquecer que, para Freud (1920g), os tumores, assim como as células genésicas, são expressões deste narcisismo absoluto, as primeiras voltadas para a morte, enquanto que as segundas para a vida.

Conclusões

Todas estas questões adquirem relevância atual, pois, novamente a partir de Freud, nos perguntamos quais são as origens das nossas neuroses, das nossas psicoses e das nossas neuroses tóxicas e abúlicas, isto é, seguindo Botella (2002), daquelas





afecções que se degradam no abismo do irrepresentável. Freud, no final do século XIX, nos seus escritos sobre a histeria, rompeu definitivamente com a lógica cartesiana, “penso logo existo”. No seu lugar apareceu como o início de um longo caminho, o “existo onde não penso”. A noção de *Nachträglichkeit*, traduzida para o português por Luiz Hanns (1996) como ação deferida, “a posteriori”, ou, como querem os franceses, *après-coup*, nos introduz na dialética da eterna busca da causa primeira, isto é, o golpe ou o trauma, sem jamais atingi-la, pois sempre encontramos existência onde não pensamos

Pois bem, encontramos-nos diante de uma *Nachträglichkeit* grupal, trans-geracional, ou, se desejarmos aprofundar ainda mais, da espécie. De uma certa forma, já antevíamos esta situação, principalmente no que diz respeito ao grupo e às gerações, quando o imaginário da velha avó passou a pertencer a este mesmo grupo. Todos se ocuparam da tentativa de elaboração do trauma. O importante destas considerações é que concluímos que estamos sofrendo um descentramento progressivo de nós mesmos. Do ego percepção-consciência cartesiano para um ego consciência-inconsciência, um Eu ego-id-superego e, finalmente, para um Eu grupo-espécie. O mesmo Freud, visionário genial, na sua “Interpretação dos Sonhos” (1900a), que festeja mais de cem anos de publicação, dá-nos uma pista sobre este descentramento do indivíduo num sujeito da espécie, quando afirma: “*O sonhar em seu conjunto é uma regressão à condição mais primitiva do sonhante, uma reanimação de sua infância, das motões pulsionais que o governavam naquela época e dos modos de expressão de que dispunha. Além desta infância individual, podemos também alcançar uma perspectiva sobre a infância filogenética do gênero humano, da qual o indivíduo é de fato uma repetição abreviada, influída pelas circunstâncias contingentes de sua vida. Percebemos quão acertadas são as palavras de Nietzsche: ‘No sonho segue atuando uma antigüíssima reliquia do humano que já não se pode alcançar por caminho direto’; isto nos move a esperar que mediante a análise dos sonhos haveremos de obter o conhecimento da herança arcaica do homem, do que há de inato em sua alma. Parece que o sonho e a neurose conservam para nós, da antigüidade da alma, mais do que poderíamos supor, de sorte que a psicanálise pode reclamar para si uma alta posição entre as ciências que se esforçam por reconstruir as fases mais antigas e obscuras do começo da humanidade*”.

Podemos discutir a afirmação acima sob vários ângulos. O primeiro proveniente do próprio Freud, quando amplia sua concepção dos sonhos: “*Estes sonhos esforçam-se por dominar retrospectivamente o estímulo desenvolvendo a angústia cuja omissão constitui a causa da neurose traumática*” (1920g). Relacionando as duas afirmações, perguntamo-nos qual a origem ou origens do estímulo a ser dominado através da representação da angústia e, posteriormente, da do objeto. Uma respos-





ta para esta questão também poderá ser encontrada em outra afirmação de Freud (1926d,capítuloVIII): *“Porém com isto não temos afirmado nada que pudesse assegurar à angústia uma posição excepcional entre os estados afetivos. Opinamos que também os outros afetos são reproduções de sucessos antigos, de importância vital, pré-individuais talvez mesmo, como ataques histéricos universais, típicos, congênitos, os comparemos aos ataques da neurose histérica, que se adquirem tardia e individualmente, ataques estes últimos cuja gênese e significado de símbolos mnêmicos nos foram revelados com nitidez pela análise. Seria muito desejável, desde logo, que esta concepção pudesse ser aplicada de maneira probatória a uma série de outros afetos, fato este que hoje se encontra muito distante de nós”*. Assim, para Freud, a origem do estímulo carente de representação encontra-se degradado também no irrepresentável da filogenia e necessita do contexto, para que, através da ontogenia, adquira seu significado simbólico. Se tomarmos as sugestões feitas acima por David Maldivsky de transmissão psíquica além das genéticas, compreendemos que traumas podem tornar-se pesadelos nas gerações seguintes e que estas são as formas de tornar representável o irrepresentável da estase pulsional tóxica, conseqüência da degradação traumática dos registros. Outra sugestão muito próxima do que aqui estamos examinando nos é feita por Botella (2002), quando nos sugere que o pesadelo figurado pelo analista é uma tentativa de dar representação ao até então irrepresentável. Assim, para este autor: *“A utilização do efeito da implosão da percepção pelo ego que está despertando, na figuração de um pesadelo, é uma violenta defesa contra o risco da não-figuração; a ‘força sensorial’ da alucinação do pesadelo, uma performance necessária para a sobrevivência do psiquismo”*. Isto nos remete diretamente ao olho-nuvem-cogumelo, alucinação coletiva pela qual o grupo encontra o despertar de sua estase libidinal tóxica, ingressando desta maneira terrorífica na ordem significativa humana.

Enfim, para finalizar este trabalho, resta-nos a infindável questão sobre a origem das nossas neuroses, psicoses e neuroses tóxicas. O enigma desta situação remete-nos diretamente para o insondável da origem do nosso psiquismo. Quais e quantos mitos ainda serão construídos sobre os nossos traumas passados e contemporâneos, para que Eros mantenha a sua permanente ação vitalizante? □

Summary

The author based on some of Freud’s concepts about original erogenous masochism, psychic spatiality and projection, pain and trauma, compulsion to repetition and unconscious psychic communication, analyses Akira Kurosawa’s film “Rhapsody





Roaldo Naumann Machado

in August”. He also adds some concepts of authors like Lacan, Winnicott, Aulagnier and Green and based on these concepts, he proposes the hypothesis of a kind of transgenerational traumatic elaboration rescuing the freudian concept of a “NACHTRÄGLICHKEIT” (deffered action).

Resumen

El autor, basado en algunos conceptos de Freud, sobre masoquismo erótico originario, espacialidad psíquica y proyección, dolor y trauma, compulsión a la repetición, comunicación psíquica inconsciente y añadiendo otros conceptos de autores como Lacan, Winnicott, Aulagnier y Green, analiza la película de Akira Kurosawa, *Rapsodia de Agosto*. Propone, basado en estos conceptos, la hipótesis de una elaboración traumática transgeneracional, rescatando el concepto freudiano de una “NACHTRÄGLICHKEIT” (a posteriori) a través de las generaciones.

Referências

- BOTELLA, C. & S (2002). *O Irrepresentável*. Porto Alegre: Criação Humana.
- CASTORIADIS-AULAGNIER, P (1997). *La violencia de la Interpretación*. Buenos Aires: Amorrortu.
- FREUD, S.; BREUER, J. (1895d). Estudios sobre la Histeria. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.7. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- FREUD, S. (1900a). La Interpretación de los Sueños. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.4-5. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- _____. (1905d). Tres Ensayos de la Teoría Sexual. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.7. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- _____. (1913-14). Totem y Tabú. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.13. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- _____. (1915c). Pulsiones y Destinos de Pulsión. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- _____. (1917e). Duelo y Melancolía. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.14. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- _____. (1919h). Lo Ominoso. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.17. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- _____. (1920g). Más allá del Principio del Placer. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- _____. (1921c). Psicología de las Masas y Análisis del Yo. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.18. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- _____. (1923b). El Yo y el Ello. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- _____. (1924c). EL Problema Económico del Masoquismo. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.





Uma hipótese sobre a elaboração traumática transgeracional: *Rapsódia de agosto*

- _____. (1925h): La Negación. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.19. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- _____. (1926d). Inhibición, Síntoma y Angustia. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.20. Buenos Aires, Amorrortu, 1988.
- _____. (1950a). Proyecto de Psicología. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.1. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- _____. (1950a). Carta 52. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.1. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- _____. (1941f). Conclusiones, ideas, problemas. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.23. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- _____. (1950a). Manuscrito GR. In: *Sigmund Freud – Obras Completas*. v.1. Buenos Aires: Amorrortu, 1988.
- GREEN, A (1993). *El trabajo de lo negativo*. Buenos Aires: Amorrortu, 1995.
- HANNS, L. (1996). *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago.
- LACAN, J. (1949). El estadio del espejo como formador de la función del yo tal como se nos revela en la experiencia psicoanalítica. In: *Escritos I*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1984.
- MALDAVSKY, D. (1986). *Estructuras narcisistas: constitución y transformaciones*. Buenos Aires: Amorrortu.
- _____. (1996). *Linajes abúlicos: procesos tóxicos y traumáticos en estructuras vinculares*. Buenos Aires: Amorrortu.
- MANN, T. (1963). *José e seus irmãos*. v.1. Porto Alegre: Globo.
- WINNICOTT, D. (1963). *O medo do colapso (breakdown)*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- _____. (1967). *O Papel de Espelho da Mãe e da Família no Desenvolvimento infantil*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Recebido em 03/02/2003

Aceito em 19/03/2003

Roaldo Naumann Machado

Praça Dom Feliciano, 78/705

90020-160 – Porto Alegre – RS – Brasil

© Revista de Psicanálise – SPPA

